

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

1º capítulo - Resgate histórico da vivência judaica no Brasil

Comunidades judaizantes em Minas Gerais

Neusa Fernandes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERNANDES, N. Comunidades judaizantes em Minas Gerais. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 72-79. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Comunidades judaizantes em Minas Gerais

Neusa Fernandes¹

A mais variada documentação indica a imigração judaica para Minas como um movimento pioneiro em terras completamente desconhecidas.

O cristão-novo Fernão Dias foi o primeiro desbravador e fundador de Minas Gerais. Paulista rico, Fernão Dias foi encarregado pelo rei D. João IV, em 1674, de organizar expedições que fossem buscar as riquezas minerais. Seu filho, Garcia Rodrigues Paes, cristão-novo pela via materna, abriu as picadas do chamado “Caminho Novo”, que se tornaria a Estrada Real.

Antonio Rodrigues Arzão foi o primeiro bandeirante a achar ouro nas Gerais. Era cristão-novo. Também o era Luis do Couto, cortador de baleia, na Bahia, que se mudou para Minas, logo no início do povoamento.

Primeiros povoadores foram, também, os cristãos-novos Francisco de Lucena Montarroyos, que se assentou em terras do sítio Nossa Senhora do Carmo, e Duarte Nunes, que, em 1694, descobriu ouro em Itaverava.

Vários dos conhecidos bandeirantes e entradistas do ouro e pedras preciosas eram cristãos-novos, como Manuel da Borba Gato, Bartolomeu Bueno da Silva (pai e filho), Sebastião de Barros e Antonio Raposo Tavares.

Da mesma origem de judeus, Manuel Nunes Vianna veio para Minas, onde se dedicou à pecuária e ao comércio de ouro e de escravos.

Filho de Antônio Nunes Viegas, Manuel Nunes Vianna veio para o Brasil ainda jovem, fixando-se na Bahia, nos fins do século XVII. Nascido em Vianna do Minho, Portugal, morreu na Bahia, em 1738, deixando o filho Miguel Nunes de Souza Vianna como seu herdeiro.

Contemplado com sesmaria às margens do Rio São Francisco, nela desenvolveu a criação de gado. Pouco tempo depois, já era proprietário de fazenda em Cachoeira² e de várias outras que fundou no caminho da Bahia

para Minas Gerais. Trabalhou também com escravos e com o ouro, adquirindo nome e fortuna.

Amealhou grandes rebanhos, por sua própria conta e como administrador das propriedades de D. Isabel Maria Guedes de Brito – uma das maiores latifundiárias do Brasil, filha de Antônio Guedes de Brito.

Negociava o gado, sediado na fazenda Jequitahi, de sua propriedade, em sociedade com o seu primo Manoel Roiz Soares. Comandando várias propriedades rurais, acabou por monopolizar o comércio de carne para Minas³.

Trabalhou também com escravos e com ouro, adquirindo nome e fortuna, explorando minas de ouro em Caete e Catas Altas, em sociedade com o primo Manoel Rodrigues Soares.

Aliou-se a outros contrabandistas e protegeu todos os que se dedicavam a mesma atividade, utilizando-se da estrada proibida a caminho de Salvador.

Manuel Nunes Vianna liderou os emboabas, na luta pela posse das minas de ouro. Por esse fato, ficou conhecido como o “Rei dos Emboabas”, tendo sido o primeiro governante “aclamado em toda a América”.

Como ditador nas minas, Manuel Nunes Vianna foi ferido em Cachoeira do Campo e derrotou os paulistas em Sabará. Dividiram-se as opiniões, quanto ao tratamento destinado aos muitos prisioneiros feitos. Nunes preferiu libertá-los. Os libertados juntaram-se aos fugitivos, concentrados na região do Rio das Mortes, assim chamada desde 1700. Neste local, junto ao afluente Rio Grande, num capão de mato, ocorreu o encontro de forças que dizimou milhares de paulistas. O lugar ficou conhecido como Capão da Traição, depois Arraial de Motozinhos, hoje denominado Chagas Dória, subúrbio de São João Del Rei.

Outras revoltas foram chefiadas por Manuel Nunes Vianna: na Barra do Rio das Velhas (1718) e em Catas Altas (1719). O próprio ouvidor do Rio das Velhas comentou as insurreições, em carta dirigida ao ouvidor a Raphael Roiz Pardini, ouvidor da comarca de São Paulo:

¹ Historiadora.

² Campos de Cachoeira era a principal cidade do Recôncavo baiano.

³ In: FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000, p. 89.

(...) no que toca aos cabeças do motim supponho v.m.q. o principal delles hé Mel Nunes Vianna (...) o famoso (...) bem conhecido pellos seus levantamentos e pellas suas insolencias veyo a este Pais (...) ⁴.

Como governador, nomeou secretário o carmelita frei Simão da Santa Tereza e teve por mestre de campo Antônio Francisco da Silva. Pela força, impediu o governador D. Fernando de Lencastro Martins Mascarenhas de entrar em Ouro Preto.

Temeroso das conseqüências, enviou Nunes Vianna para Lisboa, o seu amigo Frei Francisco de Menezes, levando de presente a El-Rei uma arroba e sete marcos de ouro, representando o quinto que arrecadara e incumbido de apresentar a Sua Majestade os protestos da mais profunda obediência e lealdade e de obter dele um indulto geral em favor dos revoltosos ⁵.

Manuel Nunes Vianna foi também conhecido organizador de comboios. Aproveitava a estação das secas e partia com seus vizinhos e seus escravos, levando armas, redes e “peças africanas” para vender. Transportava suas carregações e mercadorias, utilizando os caminhos legais, e passava nos postos oficiais, denominados Registros, pagando o imposto cobrado e submetendo-se à inspeção da Alfândega. Seu nome consta de uma anotação no Registro, nos anos de 1716 e 1717. A única que faz sua descrição física e traz a sua assinatura de próprio punho:

Passa Manuel Nunes Vianna, homem de mediana estatura, cara redonda, olhos pardos, cabelo preto, com sua carregação que consta de vinte e três caras de molhados. Rio Grande, 14 de maio de 1717.

Com essas atividades e o contrabando, Manuel Nunes Vianna adquiriu nome e a amizade do secretário particular do governador Artur de Sá – José Rebelo Perdigoão – que o nomeou para superintendente das Minas do Ribeirão do Carmo ⁶.

O novo governador Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, sucessor de D. Fernando, foi a Minas, logo depois da posse. Sabedor de sua chegada, Manuel Nunes Vianna enviou, como seu procurador, o carmelita

⁴ In: “Cartas para Raphael Roiz Pardino ouvidor da comarca de São Paulo para ouvidor do Rio das Velhas”. *Motins promovidos por Manuel Nunes Vianna no sertão do Rio das Velhas*. In: Revista do Arquivo público Mineiro, ano 5, pp. 213 e 217, 1718

⁵ MENEZES, Furtado. *Clero Mineiro (1.553-1889)*. Rio de Janeiro: Americana, 1933, p. 148.

⁶ Hoje, cidade de Mariana.

frei Miguel Ribeiro, que foi secretário de Albuquerque, para apresentar a homenagem e a obediência dos moradores de Minas.

Outros fatos demonstraram o relacionamento ambíguo de Manuel Nunes Vianna com Portugal. Em 1715, Manuel Nunes Vianna foi acusado de agitador e de contrabandar muitas arrobas de ouro, juntamente com o seu primo Manuel Rodrigues Soares. Entretanto, o ouvidor Luis Botelho de Queirós, associado ao negócio, defendeu-os e conseguiu livrá-los das acusações ⁷.

Com medo da Inquisição, nessa ocasião, sua meia-irmã, Joana, parda, casada com um carpinteiro cristão-novo, na Bahia, fugiu com o marido para o Sítio Nossa Senhora da Penha, de propriedade do cristão-novo Miguel de Mendonça Valladolid ⁸, amigo pessoal de Manuel Nunes Vianna.

Apesar de ter sido expulso da Capitania, por exercer o poder, desautorando e modificando as ordens da Metrópole, ter liderado o movimento dos Emboabas e de ter chefiado os motins no sertão, ainda assim, livrou-se da ordem de prisão, em 1723, ordenada pelo Vice-Rei. Estas ocorrências não impediram que Manuel Nunes Vianna fosse nomeado Mestre de Campo, nem que recebesse o ofício de escrivão da Ouvidoria do Rio das Velhas e Carta de Mercê do Rei de Portugal, pelos relevantes serviços.

Nessa ocasião, o cristão-novo Miguel de Mendonça Valladollid esteve na região das Minas Gerais e atestou ser Manuel Nunes Vianna judaizante.

Vale lembrar que, presenteando e se apoiando sempre nos amigos religiosos, Manuel Nunes Vianna mantinha um relacionamento pessoal com o Rei. Estando em Portugal, entre 1725 e 1728, recebeu em 1727, do próprio monarca, ofício para ser entregue ao comerciante Francisco Pinheiro.

Surpreendentemente, apesar de cristão-novo, conseguiu ser aceito na Ordem de Cristo. Embora semialfabetizado, Manuel Nunes Vianna possuía uma biblioteca e foi apontado como financiador da edição do livro

⁷ In: Testamentária de Francisco Pinheiro, fundo do Hospital de São José. APUD Furtado, Júnia Ferreira. *Homens de Negócio*. São Paulo: USP, 1996, p. 88. Tese de Doutorado. Exemplar datilografado.

Outra posição tem Carla Maria Junho Anastasia In: *Vassalos Rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVIII*. Belo Horizonte: UFMG, 1995, p. 142, que vê nas “tentativas da Coroa de preservar a acomodação do sistema”, a explicação do relacionamento paradoxal com o potentado.

⁸ Processo Inquisição Lisboa n°9.973.

Compêndio do Peregrino da América, atendendo ao pedido do autor Nuno Marques Pereira. Consta ter sido também o responsável pelo aparecimento do terceiro volume da obra *Décadas*, de autoria de Diogo do Couto.

Sua grande família era composta de tratantes, comerciantes de pedras nas Minas Gerais. Seus sobrinhos Domingos Nunes e David Mendes da Silva além de negociarem pedras e ouro, também exploravam o comércio de escravos. Todos vieram da Bahia para Minas Gerais, seguindo as pegadas do rico Manuel Nunes Vianna, a quem não se pode deixar de ligar aos negócios sugeridos nos processos, uma vez que era prática comum nos negócios realizados os cristãos-novos serem da mesma família ou da mesma região, ou envolvidos por laços de amizade.

Muitos desses cristãos-novos, homens de negócio em Minas Gerais foram vítimas da Inquisição. De acordo com os processos inquisitoriais, essas famílias formaram verdadeiras comunidades judaizantes. Reuniam-se nas casas uns dos outros, para as práticas e rituais da Lei de Moisés, além de ensinarem a religião entre eles.

Outra família bastante enredada nas Minas Gerais e que teceu uma rede comercial e religiosa importante foi a do cristão-novo Francisco Nunes de Miranda.

Foram quatro gerações da família Nunes de Miranda. A primeira se radicara na terra natal: Vila de Almeida, Portugal. A segunda, em terras espanholas. A terceira radicou-se no Brasil, entre 1730 e 1732, vivendo entre a Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Foram todas vítimas da Inquisição⁹. Pertenciam à numerosa família, envolvida com diversas atividades mercantis. Formam médicos, artesãos, agricultores e, concomitantemente, comerciantes de escravos.

A perseguição inquisitorial iniciada em 1669 trouxe a família para o Brasil. Francisco Nunes de Miranda passara pelas regiões espanholas de Sanfelices de Los Galegos, Vilar Murpin, Castelo Rodrigo e por Vila de Almeida, em Portugal.

Em 1702, encontrava-se em Salvador, na Bahia, onde adquiriu muitas propriedades, entre casas, terrenos, oficinas e curtumes, comprados ao

⁹ Ver: SANTOS, Suzana Maria de Sousa. *Marranos e Inquisição*. (Bahia, século XVIII). São Paulo: USP, 1997. Dissertação de Mestrado.

sacerdote Manoel Roiz Braga que herdara do pai João Roiz Braga. Tudo valia cerca de 200.000 réis. Nesse mesmo ano, exerceu a medicina na Santa Casa da Misericórdia da Bahia.

Francisco Nunes de Miranda foi o primeiro judaizante do Brasil entregue à Inquisição de Lisboa, no século XVIII. Preso em 1700, foi sentenciado a ouvir do Santo Ofício o veredicto que se tornou público no ano seguinte.

Também presos foram seus irmãos Antônio Nunes, Manuel Nunes de Almeida, o sobrinho Francisco Nunes de Miranda, homem de negócio, Antônio de Miranda, Felix Nunes de Miranda, David de Miranda e Pedro Nunes de Miranda¹⁰. Sua filha Maria Bernal de Miranda foi presa, no Rio de Janeiro, em 1726 e teve a mesma sentença do pai.

Sobrinho do médico do mesmo nome, Francisco Nunes de Miranda era natural da Vila de Almeida e foi morador na Bahia, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, possuindo casas nas regiões de Curalinho e Rio das Mortes, em Minas Gerais. Solteiro, foi homem de negócio bem sucedido. Como rico comerciante, tinha também relações com Francisco Pinheiro e com o parente colateral, Joseph de Castro, que transportava escravos da Costa de Mina e de Angola para o Brasil, principalmente para Minas Gerais.

O próprio Francisco Pinheiro fazia transações com o seu irmão Antônio Pinheiro Netto, que se instalou, em 1712, nas Minas, onde abriu comércio. Francisco Pinheiro fazia negócio, também, com seu sobrinho João Pinheiro Netto, morador de Vila Rica, com seu compadre Francisco da Cruz e com João Alvares, cunhado de seu irmão, estabelecidos em 1725 em Sabará.

Possuíam sistema de contas entre eles, criando laços de dependência, dentro das relações de clientelismo e parentesco, a exemplo de David de Miranda¹¹, que durante os anos de 1721 a 1724, foi importador de tecidos de Lisboa e, em empreendimento com o seu irmão Francisco Nunes de Miranda, estendeu esse negócio até as minas, onde vendia roupas confeccionadas com os panos comprados. Concomitantemente, aliou-se ao cunhado, Diogo de Ávila Henriques¹², que, por sua vez, era sócio de Antônio Ruiz, do mineiro Lino Gomes e do irmão Diogo de Avila. Os dois

¹⁰ Processo Inquisição Lisboa n° 9002.

¹¹ Processo Inquisição Lisboa n°7.489.

¹² Processo Inquisição Lisboa n° 2.121

irmãos mantinham relações comerciais, na Bahia e em Minas Gerais, com Jerônimo Rodrigues¹³ e Gaspar Henriques¹⁴. Este também negociava sítios e fazendas, a crédito, juntamente com o cunhado João de Moraes. Realizavam vários tipos de transações, incluindo transportes e carregamentos, comércio de tecidos e de escravos.

Outro cristão-novo, Manuel Nunes Sanches¹⁵, veio para o Brasil ainda adolescente, por volta de 1710, fixando-se na Bahia. Seus primos moravam em Curralinho e seu irmão, Marcos Mendes Sanches, em Serro Frio, região de Minas Gerais.

Homônimos seus foram seu avô, um sobrinho, filho de sua irmã Leonor Henriques com Francisco Nunes Payva e seu primo, filho de seu tio Henrique Fróes.

Como rico homem de negócio, assistiu em Sabará, Itaverava, Curralinho, Ouro Preto, Congonhas, Pitangui, Ribeirão do Carmo, Serro Frio e Itaubira. Possuía sítio em Cachoeira e uma fazenda em Minas Novas do Fanado, onde cultivava milho e legumes. Tinha também um sítio de lavar ouro em Sabará e outro, em sociedade com de André da Silva Vianna, em Paraopeba.

Toda a família foi considerada judaizante e processada pelo Tribunal do Santo Ofício. Verdadeiras ou não, as acusações são de crime de judaísmo e revelam práticas judaizantes, comuns a todos os presos. Embora haja grande variedade de comportamentos diferenciados, dentro do fenômeno marrano, a grande maioria confessou ter abraçado a Lei de Moisés e voltado ao cristianismo por ocasião da prisão. Todas essas afirmações são iguais às que foram encontradas em processos de outros estudos do Brasil. Todos foram presos, tiveram os seus bens confiscados e confessaram práticas judaicas. Essas confissões não constituem provas definitivas de seus judaísmos, porque, muitas vezes, eram obtidas sob pressões e torturas, mas permitiram aos inquisidores atingirem seus objetivos que iam da conquista do espaço e do poder até à posse das riquezas sempre escassas no Tribunal, apesar das verbas disponíveis.

¹³ Processo Inquisição Lisboa n° 10.003.

¹⁴ Processo Inquisição Lisboa n° 6.486.

¹⁵ Processo Inquisição Lisboa n° 2.141.

Referências Bibliográficas:

Fontes Primárias

1.1- Fontes Primárias manuscritas:

1.1.1- Arquivo Nacional da Torre do Tombo Processo Inquisição Lisboa n° 9.973

Bibliografia

2.1- Bibliografia específica:

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *Vassalal, rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVIII*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro (1695-1755)*. São Paulo: Pioneira, 1992, p. 11.

SILVA, Lina Gorenstein Ferreira da. *Heréticos e Impuros*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 1995.

2.2- Periódicos:

SILVA, Lina Gorenstein Ferreira da. A Inquisição e o pioneirismo dos cristãos-novos nas Minas Gerais. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: 159, n° 401, out/dez., 1998.